

Bispo, F. S. e Santos, T. C. P.

Escrevivência e Psicanálise: pesquisa, clínica e formação

Fábio Santos Bispo¹

Tayná Celen Pereira Santos²

Resumo

Este artigo discute a intersecção entre a escrevivência como metodologia articulável à Psicanálise e três diferentes níveis ou dimensões de transmissão da clínica psicanalítica: uma dimensão clínica, articulada à própria vivência ou experiência da análise; uma dimensão didática, que articula a política de escrita com a transmissão e o ensino da Psicanálise; e uma dimensão epistêmica, que implica a construção de um campo de saber que não descarte o sujeito, seu corpo, sua vida e sua história. Propomos que há, nas três dimensões, a tentação de reduzir o real ao saber e que a escrevivência se propõe como uma via oposta, que desloca essa redução ou encobrimento. Retomamos algumas referências sobre a função do matema e da letra, tal qual Lacan expõe em *litraterra*, para pensarmos a afinidade entre as escrevivências e a transmissão da Psicanálise. Utilizamos a referência da releitura que Conceição Evaristo faz de Macabéa para delimitar a importância política e clínica que essa prática da escrita implica para a escuta da negritude, do feminino e de saberes periféricos, subalternizados e/ou dissidentes.

Palavras-chave: Escrevivência, Psicanálise, Pesquisa, Clínica, Formação.

¹ Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes (Espírito Santo, Brasil). Líder do Grupo de Pesquisa Psicanálise: Clínica e Laço Social. Integrante do Coletivo Ocupação Psicanalítica. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0488-6163> E-mail de contato: fabio.bispo@ufes.br Instagram: @prof.fabiobispo

² Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, área de concentração Estudos Psicanalíticos, pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas, com ênfase Clínica. Membra do Coletivo Ocupação Psicanalítica (Minas Gerais, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0233-6187> E-mail de contato: taynacelen@gmail.com Instagram: @taynacelen_

Iniciamos esta escrita com uma breve retomada da noção de escrevivência na relação com o campo da Psicanálise. Já temos discutido e utilizado esse dispositivo clínico-artístico em nossas pesquisas há alguns anos e já realizamos algumas apresentações conceituais e metodológicas em outros trabalhos. Destaco sobretudo uma recente coletânea com a contribuição de diversas autoras que escreveram sobre os diálogos da escrevivência com a Psicologia e com a Psicanálise (Mateus et al., 2025), e um artigo que discute especificamente a utilização da escrevivência como metodologia de pesquisa em Psicanálise (Bispo, 2023). Nesse artigo, são citadas algumas pesquisas que utilizam a metodologia de diferentes formas, em dissertações de mestrado e projetos de pesquisa e extensão. A coletânea recém-publicada amplia ainda mais esse leque, ao entrar de forma mais minuciosa em um maior número de pesquisas e projetos de várias regiões do Brasil. Esses trabalhos nos sinalizam o esforço de sustentação de um princípio comum a partir de uma liberdade epistêmica de estilos e conexões com saberes acadêmicos e saberes vinculados aos diferentes territórios. Longe de esgotarem o diálogo, entretanto, esses trabalhos nos proporcionaram novos encontros com perguntas mobilizadoras e com novas pesquisas que exploram outras facetas dessa aproximação com a Psicanálise.

Pedimos licença, então, para pular algumas formalidades acadêmicas e partir do pressuposto de que o leitor conhece Conceição Evaristo, já leu algumas de suas obras e já teve contato com essa vizinhança entre a Psicanálise e a escrevivência. Se ainda não o fez, recomendamos que escolha alguma das referências indicadas anteriormente e, sobretudo, não deixe de ler um texto escrito pela própria Conceição Evaristo, que é uma leitura fundamental para essa interlocução com a Psicanálise. “A escrevivência e seus subtextos” (Evaristo, 2020a) apresenta, de forma concisa e aprofundada, as construções da autora em torno da noção de escrevivência como uma proposta epistêmica que transcende o campo literário, ou melhor, que o convoca a incidir sobre os saberes acadêmicos, sem abandonar sua verve poética e crítica. Cito uma breve passagem como pretexto para nossa discussão:

Pensar a Escrevivência como um fenômeno diaspórico e universal, primeiramente me incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo. Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica. A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande (Evaristo, 2020a, pp. 29-30).

Essa talvez não seja a passagem que defina mais diretamente a escrevivência, mas ela traz um ponto fundamental, que é a sua confluência com o texto “Racismo e sexism na cultura brasileira” (Gonzalez, 2020). Esse núcleo citado pela autora implica pensar a intercessão de muitos pontos, como o lugar de mulher, de mulher preta, de mulher preta em uma relação de dominação, de mulheres pretas que, a despeito das múltiplas versões de perpetuação da casa-grande nas formas atuais de dominação, conseguem “dar a rasteira” (p. 87) no racismo e escrever ou contar sua história de forma transgressiva e contracolonial.

Há também uma afinidade na própria proposição política de deslocar um olhar reducionista sobre a mulher negra, olhar que marca o discurso das Ciências Sociais, segundo Gonzalez, ou, nos termos de Evaristo (2020a), pretende-se “borrar, desfazer uma imagem do passado” (p. 30) em que o corpo, a voz e as histórias das mulheres negras eram capturadas

pela casa-grande. Temos enunciado então um duplo movimento que a escrevência institui simultaneamente: o de interromper uma transmissão e o de revelar outra invisibilizada. Proponho que, do ponto de vista psicanalítico, esse duplo deslocamento se articula com uma dimensão simbólica do inconsciente, que coloniza a subjetividade; e uma dimensão real, que escapa à captura e se transmite à revelia da lógica de dominação. Fanon (1952/2020) já associava essa transmissão de um inconsciente simbólico alienante à literatura, quando a relaciona com as revistas ilustradas que fariam a reproduzibilidade de vivências traumáticas relacionadas com as violências raciais. Ao criticar a noção junguiana de um inconsciente coletivo, universal e neo-transcendental, como depositário dessas memórias, ele antecipa os elementos de um inconsciente simbólico que seria mais tarde desenvolvido por Lacan: “São revistas escritas por brancos para crianças brancas. Mas o drama reside nisso... são as mesmas revistas ilustradas que são devoradas pelos jovens nativos” (p. 161). Com a noção de Ideal do Ego branco, Souza (1983/2021) desenvolve, a partir de Lacan, a incidência superegoica dessa dimensão racial na composição de um enquadramento simbólico que se transmite tanto pelo laço familiar edípico quanto por sua extensão social transmitida nos aparelhos ideológicos do estado e outros dispositivos da cultura. Ao evocar as noções de objeto *a* e de *lalíngua* na transmissão inconsciente, Gonzalez (2020) se esforça para pensar esse resto não colonizado do inconsciente e que se constitui como lugar de subversão. É com esse duplo desafio de furar o inconsciente simbólico e de buscar vias de circunscrever a transmissão desse inconsciente real que a escrita se depara e pela qual podemos pensar uma aproximação entre o horizonte político da escrevência e a função da escrita na transmissão da Psicanálise.

A função do escrito e da escrita na transmissão da Psicanálise

Lacan realiza, no Seminário 19, algumas reflexões sobre a função do escrito para a Psicanálise e para ele próprio. Retomamos o que diz sobre a própria experiência com a escrita neste trecho: “É quando escrevo que descubro alguma coisa” (Lacan, 1971-1972/2012, p. 24). É um trecho bem discreto no qual Lacan distingue alguns modos de escritura e que nos levou a pensar também em algumas vias de transmissão da Psicanálise. Ele diz que “escrever alguma coisa para me poupar aqui, digamos, do cansaço, ou do risco” (p. 25), durante a apresentação do Seminário, esse escrito não dá bons resultados. Ele prefere “não ter nada a ler” para a plateia. O escrito que ele distingue como um método de descoberta é o escrito matemático, que deriva da lógica.

Podemos conectar essas distinções com aquelas propostas por Freud para pensar que a transmissão da Psicanálise implica um método de descoberta, um método de exposição e também um método de sistematização. Ao definir a Psicanálise em um verbete de enciclopédia, Freud (1922-1923/1996c) destaca essas diferentes dimensões do método psicanalítico:

Psicanálise é o nome de [1] um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, [2] um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e [3] uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (p. 253).

Propomos que a escrita, para a Psicanálise, e os matemas de Lacan vêm resolver impasses na transmissão da Psicanálise que podem ser apreendidos em pelo menos três níveis diferentes: a) no nível clínico; b) no nível didático; e c) no nível epistemológico. As duas primeiras definições de Freud – a investigação do inconsciente e uma terapia baseada nesse método – correspondem ao nível clínico, enquanto a última, a construção de um campo científico, se relaciona com o nível epistemológico. Embora não esteja explicitada nessa referência, todo o debate sobre a Psicanálise Didática, que se inicia na época de Freud e permanece interrogando a Psicanálise lacaniana acerca da formação do psicanalista, indica que o ensino da Psicanálise implica que a sua transmissão precisa conectar a experiência clínica propriamente dita com a sua lógica, ou seja, com sua orientação epistêmica. Em Lacan, esse nível didático da formação aparece na construção do que ele chamou de “seu ensino” e também na sustentação de uma lógica própria à formação do analista na Escola.

Destacamos um texto de 1957, presente nos *Escritos*, em que Lacan fala diretamente sobre “A Psicanálise e seu ensino” (1957/1998), e um texto mais tardio, de 1970, presente nos *Outros Escritos*, dentre vários em que Lacan (1970/2003) discute a relação da Psicanálise com sua prática, seu ensino e sua episteme³. De certa forma, é sempre com a tensão entre a universalização do saber e a dimensão inapreensível da experiência analítica que essas reflexões se dão: “Para chegar ao ensino, o saber deve, por algum aspecto, ser um saber de mestre, ter algum significante-mestre que constitua sua verdade” (p. 307), reconhece Lacan (1970/2003). Como então transmitir essa dimensão inapreensível da experiência sem anulá-la pelo saber? “O que me salva do ensino é o ato” (p. 309), sugere Lacan, que o leva a renunciar, seja na estrutura acadêmica universitária, seja na própria instituição psicanalítica, uma garantia prévia derivada do saber. Sustentar um ensino que “causa embaraço” na Escola é uma das formas de se deslocar do lugar de mestre ou de professor e acentuar o lugar de psicanalista: “ao se oferecer ao ensino, o discurso psicanalítico leva o psicanalista à posição do psicanalista, isto é, a não produzir nada que se possa dominar, malgrado a aparência, a não ser a título de sintoma” (p. 310). É nessa tensão em que o saber se descompleta com a experiência que a noção de escrevivência pode ser retomada, nas palavras de Evaristo (2020a), como uma escrita que não promete uma experiência de domínio, antes se faz invenção no próprio vazio entre o acontecimento e o seu esforço de narração: “Sei que a vida está para além do que pode ser visto, dito ou escrito”, lembra Evaristo (2017b), advertindo que “a razão pode profanar o enigma” (p. 17), por isso assuntar as vozes ao redor, as histórias dos mais velhos e a própria entonação com que as memórias são evocadas são algumas das disposições de abertura para o real. Antes, porém, de retomar a escrevivência, podemos explorar um pouco mais o modo como esses distintos níveis de transmissão se entrelaçam no campo psicanalítico.

No nível clínico, temos sempre o desafio de acolher o que se passa na experiência de uma análise de modo a transformar isso em saber. Freud (1905/1996b) já problematiza essa

³ Toda a seção V da coletânea *Outros escritos* reúne textos que problematizam diretamente a formação do analista e seus impasses institucionais, dentre eles o que talvez tenha tido o maior impacto seja a “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” (Lacan, 1967/2003).

questão desde o caso Dora, demarcando a dificuldade de se construir uma visão completa de um caso clínico, a não ser quando ele já está no fim. De toda forma, exercitar uma leitura clínica do caso não tem uma função apenas do ponto de vista do saber, mas também do ponto de vista da condução do tratamento. Nesse sentido, temos uma dimensão ética em jogo que deve aparecer nas supervisões dos casos ou em sua retomada no âmbito da pesquisa. Se desde os *Estudos sobre a histeria* a construção do caso clínico adquire essa característica de aproximar a Psicanálise da Literatura, no sentido de transformar a história clínica do sujeito em um conto⁴, bem mais tarde, a noção de construções em análise (Freud, 1937/1996d) vem enfatizar um valor clínico comparado à própria interpretação. Diferentemente desta, porém, a construção visa colocar “perante o sujeito da análise um fragmento de sua história primitiva” (p. 279), sem a pretensão de que seja uma representação fiel da experiência. Aproxima-se então de uma ficção em torno de elementos impossíveis de serem resgatados. Essa concepção está explícita em *Becos da memória*, que Evaristo (2017a) define como “uma criação que pode ser lida como ficções da memória”, pois, “como a memória esquece, surge a necessidade da invenção” (p. 11). A invenção não vem, portanto, como uma memória encobridora, mas como uma busca ativa da escrevivência, em que a evocação do real na escrita tem o condão de despertar a memória. Não apenas os sentidos, mas outros elementos da língua, como a própria entonação da voz, coloca a autora face a face com as vivências de menina em uma favela que já não mais existia no tempo da narração. O exercício da escrita surge como via para “lidar com uma memória ora viva, ora desfacelada” (p. 11), abordando o vazio a partir da invenção.

No nível didático, eu diria que temos uma função mais política, no sentido de fazer circular o discurso da Psicanálise, possibilitando que a oferta de uma escuta clínica seja ampliada a partir dessa perspectiva. Desde o início, Lacan (1955/1998) apostava nessa vertente, tomando o retorno a Freud como um desafio capaz de renovar o exercício da Psicanálise. Ele alegava que a comunidade de psicanalistas teria deixado a revolução freudiana perder seu vigor justamente por ter se perdido no emaranhado de possibilidades de leitura do legado psicanalítico. Nesse sentido, formalizar a teoria freudiana, a partir dos matemas, e transmiti-la em seus seminários ou escritos viabiliza o desafio político de promover uma leitura logicamente orientada da Psicanálise. Também todas as propostas sobre a formação do psicanalista seriam modos de fazer com que a transmissão da experiência ultrapassasse as vias simbólicas e pudesse tocar o real. Há todo um esforço para não se encobrir a impossibilidade dessa tarefa, cuja hiância se conecta com a própria função de extensão da Psicanálise: “é no próprio horizonte da Psicanálise em extensão que se ata o círculo interior que traçamos como hiância da Psicanálise em intensão”, definida como a Psicanálise Didática, que visa preparar “operadores para ela” (Lacan, 1967/2003, p. 251). Acerca desse ponto, Lacan (1955/1998) destaca diretamente a

4 É muito significativa a afirmação de Freud ao introduzir a discussão do caso Elizabeth sobre a especificidade da clínica psicanalítica, ao conectar a história dos sofrimentos com a leitura clínica dos sintomas, pois destaca justamente a contribuição que a narrativa literária pode trazer para a própria construção dos casos: “ainda me causa estranheza que os relatos de casos que escrevo pareçam contos e que, como se poderia dizer, falte-lhes a marca de seriedade da ciência. Tenho de consolar-me com a reflexão de que a natureza do assunto é evidentemente a responsável por isso, e não qualquer preferência minha” (Freud, 1893-1895/1996a, p. 183).

importância da experiência literária para a própria formação do psicanalista: “Que a história da língua e das instituições, bem como as ressonâncias, atestadas ou não na memória, da literatura e das significações implicadas nas obras de arte, são necessárias ao entendimento do texto da nossa experiência” (p. 436). Além de apontar que essas dimensões estão implicadas em toda a construção da teoria freudiana, indica que isso estaria posto “como condição a qualquer instituição de ensino da psicanálise” (p. 436). Nesse ponto, a literatura de Conceição Evaristo e outras escrevivências têm um efeito formativo que nos ensina a ler as dimensões historicamente apagadas das experiências negras, femininas e periféricas. Assim, um “ensino verdadeiro”, que admite a impossibilidade de domínio do real pelo saber, precisa levar em conta suas impossibilidades e suas armadilhas que podem reduzir o caráter subversivo da Psicanálise: “a experiência deve levar em conta o fato de que ela instaura os próprios efeitos que a capturam para afastá-la do sujeito” (p. 437).

O nível epistemológico não está descolado dos outros dois, na medida em que responde à relação da Psicanálise com o discurso da ciência. O esforço freudiano era exatamente manter a Psicanálise fundada no campo científico. Lacan (1971/2011) destaca isso no seminário sobre o saber do psicanalista: “A questão é saber o que a ciência – que a Psicanálise, tanto quanto no tempo de Freud, não pode fazer nada além de seguir em cortejo – pode atingir que diga respeito ao termo *real*” (pp. 36-37). Não se pode, pois, ignorar que a Psicanálise segue o cortejo da ciência em sua busca do real. Mas o uso que Lacan faz das estratégias da ciência, sobretudo no que diz respeito à Matemática, é bem próprio. Não segue o cortejo do Iluminismo, que, embora tenha tentado separar o saber do poder, acabou servindo a um tipo de poder mais violento: “a instauração de uma raça de senhores mais ferozes do que tudo o que se vira até então” (p. 38). Nessa passagem, já reconhecemos toda a visualização de Lacan da relação entre o poder simbólico e sua transmissão pela linguagem, tal como Fanon (1952/2020) circunscreve a incidência inconsciente do colonialismo. “O poder do simbólico”, diz Lacan (1971/2011), “não tem que ser demonstrado, é o próprio poder. Não há nenhum vestígio de poder no mundo antes do aparecimento da linguagem” (p. 24). É nisso que a preocupação de fazer um uso epistêmico da Psicanálise que subverte as relações de poder pode se relacionar com a ambição das escrevivências e de outros movimentos políticos articulados à negritude e ao feminismo negro. Sem deixar de reconhecer o parentesco da ciência com a lógica de reprodução do capitalismo colonialista, operar com “o saber da impotência: é esse que o psicanalista poderia veicular” (p. 38). Isso implica uma relação com o real que admite a impotência do saber, renuncia sua sanha de dominação do real e propõe estratégias de abordá-lo sem suturá-lo, de circunscrever sem dominar: “o vazio é a única maneira de agarrar algo com a linguagem” (Lacan, 1971-1972/2012, p. 12). Essa mesma linguagem, portanto, que implica uma transmissão simbólica da dominação, pode ser a via que, do ponto de vista clínico, didático e epistêmico, nos permite horizontes de subversão.

Em suma, podemos pensar, para o escrito na Psicanálise, uma função clínica que auxilia numa leitura de cada caso e, como tal, constitui-se como um método de descoberta; uma função didática, que tem a ver com o próprio ensino de Lacan e a transmissão da experiência freudiana; e uma função epistemológica, que tem a ver com uma sistematização lógica e sua relação com o campo da ciência. Reproduzo a seguir, para fins didáticos, a Figura 1, que expõe

algumas dessas linhas de transmissão no campo psicanalítico. Evocamos essas linhas como um horizonte de complexidade das vias de subversão da escrita literária e da estratégia dos matemas que podem ser articuladas com a escrevivência.

Figura 1– *Linhas de transmissão no campo psicanalítico*

Clínico	Didático	Epistemológico
Construção do caso	Transmissão da teoria	Construção de um campo de saber
Formação clínica do analista	Formação de uma Escola	Formação teórica do analista
Método de descoberta	Método de exposição	Método de sistematização
Aspecto ético	Aspecto político	Aspecto científico

Nota: Elaborada pelos autores.

Geralmente, nós que somos das Ciências Humanas, temos muito gosto pela escrita e pela leitura, mas nos embaraçamos um pouco com a Matemática. Às vezes preferimos o Lacan que comenta textos, que analisa e que fala, em detrimento do Lacan dos matemas. Desde aquela época, Lacan era acusado de formalismo quando se enveredava demais por suas fórmulas. Há certa dificuldade de apreendermos o que Lacan quer com essas letrinhas, dificuldade que ele mesmo aborda, quando é questionado se a incompreensão de Lacan é um sintoma. Ele então desloca a pergunta: “a incompreensão Matemática é um sintoma?” (Lacan, 1971/2011, p. 49). Miller (2009) formula que o último Lacan desloca sua pretensão Matemática da circunscrição da cadeia significante e da própria fala para uma experiência que se articula mais com a modulação da voz. Para a abordagem de um inconsciente real, refratário à fala e à linguagem, a estratégia borromeana seria uma espécie de “escrita que não designa a fala, que não tem nada a ver com a fala, uma vez que é... o que se modula na voz” (p. 171).

Tayná Celen (Santos, 2022, 2025) destaca a construção de Lacan em torno de *Lituraterra* para pensar como a escrevivência se relaciona com esses aspectos que escapam à lógica simbólica, os restos que, a partir da letra, demarcam um litoral entre dois elementos estrangeiros. Assim como o mar e a areia, a letra constitui um litoral entre o gozo e o saber, entre o vazio indizível do real e o exercício simbólico de composição literária: “a literatura é uma acomodação de restos e, por conta disso, [Lacan] pensa que ela, na verdade, seja uma *lituraterra*” (Santos, 2025, p. 228). Lacan evoca tanto a noção de *litura*, como borrar ou rasurar (também evocada por Conceição Evaristo), quanto a noção de *litter*, o lixo evocado por Lélia Gonzalez justamente em uma referência a um texto de Miller sobre a teoria de *lalíngua*, em que esta implicaria os restos que escapam à lógica de domesticação da linguagem. A escrevivência então suporta “pela via da letra e, somente por ela, o que está no lixo da lógica que também viabiliza a significação e o próprio material do qual a Psicanálise se vale” (Santos, 2022, p. 66).

A lógica também opera com a letra, como mostra Lacan, que vislumbra nela uma via de abordagem do real, já que a letra indica a possibilidade de manter um lugar vazio no enunciado. Por isso o matema é uma das vias pelas quais Lacan propõe abordar o impossível.

É daí também que ele cunha o objeto *a* como a invenção de uma lógica para acolher esses restos. O matema implica o que Lacan (1972-1973/1985) evoca como sendo a função do escrito, assim, no masculino, que parece diferente da noção dessa escrita que faz litoral. De todo modo, mesmo que Lacan opte pela formalização – na via do escrito –, ele nos dá subsídios para pensar toda essa outra zona inapreensível da língua que aparece no dizer que ultrapassa os ditos, nas modulações da voz e da sonoridade de *lalíngua*, na própria musicalidade que compõe um poema.

“Nenhuma formalização da língua é transmissível sem uso da própria língua. É por meu dizer que essa formalização... eu a faço ex-sistir” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 161). Essa advertência marca uma indissociabilidade entre a sistematização do discurso, a transmissão do ensino e a própria clínica de Lacan. Ele diz que poderia escrever muitas fórmulas gerais, mas “nada disso se mantém se não o sustento com um dizer que é o da linguagem e com uma prática” (p. 165). A escrita então aparece, para além da formalização lógica, como “um traço onde se lê um efeito de linguagem” (p. 164) nas “garatujas” que servem de suporte, por exemplo, para o que ele tem a dizer em seu ensino. É significativo que a maior parte do ensino de Lacan seja composta por sua apresentação oral nos seminários e que toda essa gama de construções tenha levado anos para se transformar nos textos escritos dos quais nos valemos hoje. Ao ler, só podemos imaginar o que poderia ter sido o tom das palavras, a energia da voz, a ênfase modulada pela gesticulação, que indica que o ensino implica uma linguagem incorporada. Certamente muito dessa transmissão não passa para o papel e, se ainda assim se transmite, é porque outros analistas também emprestam corpo e voz a essas palavras. Mas, assim como o discurso da ciência exclui o sujeito, também exclui o corpo, os gestos, a voz e o próprio gozo implicado na construção e na transmissão do saber.

Arriscamos dizer que todo esse resto que não cessa de não se escrever é situado por Evaristo (2020b) no campo da vivência em torno da qual sua escrita poética se propõe a circular. Vale a pena resgatar a imagem *grafia-desenho* com a qual a escritora busca circunscrever essa relação com a letra, os rabiscos, as garatujas para além do sentido:

Talvez o primeiro sinal gráfico que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe... Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente a suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos (p. 49).

Quando Evaristo destaca a *grafia-desenho*, ela fala em gesto, em um gesto solene. Gesto e movimentos com o corpo. Em outros lugares ela fala da voz, de um muxoxo, um jeito de responder que, conquanto não signifique nada, parece transmitir um ponto muito preciso. Conectamos essa imagem com o esforço de Lacan (1972-1973/1985) no sentido de pensar uma transmissão da linguagem que seja feita com o corpo: um corpo falante (p. 163), ou um novo

acento dado à noção de sujeito (p. 160), no modo como a linguagem se conecta com o corpo e com o gozo.

Essa escrita com o corpo evoca o movimento das caligrafias orientais (chinesa e japonesa evocadas por Lacan). Andrade (2016) se debruça sobre a caligrafia chinesa, afirmando que a letra como essência do significante é um passo dado na inscrição da letra no corpo. Essa referência à escrita chinesa é evocada no texto *Lituraterra* e tomada por Andrade como um horizonte de pesquisa com o objetivo de indagar o que Lacan absorve da escrita oriental. Ele diz que a escrita é o osso e a linguagem é a carne. Diz mais: “O traço (da letra) do caractere chinês e da caligrafia é inseparável de uma experiência com o corpo e com o movimento da pulsão” (p. 74). A escorregada do pincel para baixo faz com que notemos algo distinto. Antônio Teixeira, na apresentação do livro, indica que: “É particularmente difícil para nós, ocidentados, captar a importância desse movimento que se apagou” (p. 13), de modo que o gesto da escrita se reduz ao efeito estético superficial da caligrafia, tal como aparecem nos convites de casamento. Esse termo *ocidentado* (*Occidentelle*) é cunhado por Lacan para indicar “o sujeito que sofreu o acidente do Ocidente” (Santos, 2022). Não deixa de ser uma referência propícia para evocar os efeitos do colonialismo que, ao contrário de serem accidentais, são impostos e reiterados de forma imperialista.

A respeito da caligrafia japonesa, Lacan (1971/2003) pesca um “tantinho de excesso” à conta para que pudesse concluir que o que constitui essa língua é a escrita. A caligrafia japonesa chamada *Shodô*, que significa literalmente “caminhos da escrita”, faz uso de variados sistemas complementares. Os ideogramas utilizados são chineses, chamados “kanji” e, na prática do calígrafo, manuseando o pincel e a tinta preta à base de carvão sobre o papel de arroz, cria-se uma obra na qual a expressão e a forma de cada traço se equiparam em importância ao significado do caractere. No ato de cada traço e no espaço vazio deixado, há a intencionalidade do calígrafo, sua marca, concretizados. O *Shodô*, além de uma representação exata e direta da linguagem, transmite uma literalidade por meio dos caracteres, mas também suporta um simbolismo complexo e uma expressão pessoal, portanto. Ao contrário dos alfabetos ocidentais, nos quais as letras não têm significados se estiverem sozinhas, cada *Kanji* (caractere) designa um conceito completo ou uma palavra.

A prática caligráfica japonesa, então, não prescinde da reflexão sobre o significado do *Kanji*, mas acresce a ele a maneira como ele é escrito, podendo intensificar ou até alterar a sua interpretação. Citamos como exemplo a palavra japonesa para amor, que é *ai* (愛), sendo composta de quatro partes: na parte mais alta, ツ (tsume) assemelha-se aos dedos de uma mão, simbolizando a mão que doa algo. No meio, 心 (kokoro) significa “coração”, representando o domínio dos sentimentos. Na parte inferior, 友 (tomo) significa “amizade” ou “amigo”. No último traço, o radical 手 (sui) significa o movimento da reciprocidade do “ir e vir”. A mão, o coração, as relações de troca e a reciprocidade são o litoral, o literal do amor. No horizonte do neologismo dos ocidentados, Vieira (2003) nos convida a pensar mais como calígrafos e menos como tipógrafos. Entendemos que a convocação é para nos distanciarmos da lógica engendrada pelas línguas ocidentadas, de que as letras não têm sentido sozinhas – o que ocorre, por exemplo numa palavra escrita “errada”, na qual podemos descartar aquela letra que sobra para darmos à palavra o seu devido sentido – para nos aproximarmos da ideia

da rasura, o sulco no papel que deixa uma marca, para além do semblante, do imaginário. Lacan, em *Aviso ao leitor japonês* (1972/2003), relaciona a escrita com o estilo:

Agora, imaginemos que no Japão, como em outros lugares, o discurso analítico torne-se necessário para que os outros subsistam, para que o inconsciente devolva seu sentido. Tal como é feita a língua, só se precisaria, em meu lugar, de uma caneta [stylo]. Quanto a mim, para ocupar esse lugar, preciso de um estilo [style] (p. 500).

Rosa (2011) observa que essas elaborações de Lacan sobre a língua japonesa nos anos 1970 teria aberto a discussão sobre o desabonamento do inconsciente e a inanalisabilidade do sujeito de língua japonesa, o que se dá justamente pelo que Lacan (1971/2003) adjetiva como um sentimento inebriante de que o sujeito japonês “não faz envelope para coisa alguma” (p. 24). Nós, como ocidentados, portanto, acidentados pelo inconsciente moldado pelo Complexo de Édipo, literalmente, nos norteamos (referência à divisão sócio e geopolítica matriciada pela colonização) pelo Nome-do-pai, depositário de semblantes coletivizados, componente fundamental para a fantasia de cada sujeito dialetizado pelo objeto. Exaltamos um mundo em que o Outro é radiante de sentidos, aparências, semblantes, renegamos outro em que o discurso não é o do semblante, em que se acomodam os restos, o objeto *a*, a letra, o corpo que escreve a vivência que a poesia bordeja.

Estabelecemos então alguns paralelos entre a escrevivência e a caligrafia chinesa. Entre a *grafia*-desenho da escrevivência e a performance artística da *obra-carácter* feita pelo calígrafo, a escrita se comporta como extensão do corpo de quem a mobiliza. O gesto da mãe de Evaristo (2020b), que era lavadeira, nascida 34 anos após a assinatura da Lei Áurea, numa cidadezinha chamada Serra do Cipó, perto de Pedro Leopoldo, é evocado como “movimento-grafia” (p. 49) por recrutar o corpo como um todo. É interpretado pela escritora como uma simpatia de invocação do sol para secar os lençóis brancos e pendurados no varal, “corda bamba da vida” (p. 49) e, ainda, momento marcante para a escritora, que nos conta que dali se transmitiu a função da urgência, da necessidade e da esperança na escrita (Santos, 2022). A escrita na escrevivência e na caligrafia chinesa, tal como uma carta/letra, para além de sua função de sentido, chega ao seu destino por demonstrar a letra como instância. A escrevivência traceja uma estética que se confunde com a oralidade inerente a sua *lituraterra*, sulcada pelo que se imiscui da história da coletividade negra brasileira. Transmite, portanto, uma ancestralidade que acomoda memórias e suas respectivas invenções, estilizando um ritual da vivência, do que se vê, do que se assunta na vida da sua parentada. Ela faz disso algo próprio, empunhável, diante da concretude da letra no corpo ao lançar mão da língua. Cabe perguntar se haveria algo também em outras referências negras e ameríndias que mantém certa relação com essa dimensão invisibilizada que dá corpo aos usos da língua.

O Ocidente costuma se apropriar das referências e tradições orientais de uma forma a esvaziá-la de seu território de origem, como as práticas da Yoga e meditação que passam a ser consumidas sem uma relação profunda com as cosmologias orientais. Said (2007) dirá que “a relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação de graus variados de uma complexa hegemonia” (p. 17), nomeando esse orientalismo como uma invenção europeia sobre o Oriente, sustentada por uma estratégia de superioridade posicional flexível do europeu em suas relações com o Oriente, sem que jamais se perca a vantagem. Zizek (s/d)

cita um modelo de mercadoria que segue uma lógica de não pagar o preço do que se consome: o café sem cafeína, a cerveja sem álcool, o leite sem lactose. Essa lógica indica que “a gente quer comer, mas sem pagar o preço”. Isso que se exclui é justamente aquilo que, no Outro, o torna estrangeiro e ameaçador. Mas se puder ser feita desse outro uma versão industrializada – ou sintética, nos termos de Nego Bispo – que exclua aquilo que há de mais essencial em seu gozo, em sua vivência, em sua cosmologia, então o outro se torna um objeto palatável. Nego Bispo chama de cosmófobia essa estrutura discursiva que marca a própria constituição de nossas cidades: “O que é a cidade? É o contrário de mata... é um território artificializado, *humanizado*... Os humanos excluíram todas as possibilidades de outras vidas na cidade” (Santos, 2023, p. 18). Propõe como antídoto ou imunização contra a cosmófobia a contracolonização, que está presente no resgate de outras cosmologias politeístas e que não se apagaram com a imposição dos monoteísmos universalistas. A literatura ocidental e colonialista historicamente transmite desses outros uma versão caricatural, desconectada de seus territórios, de modo que a escrevivência, como uma escrita que parte das próprias vozes assim adormecidas, retoma essa estranheza que nos desperta dos injustos sonhos que mantêm a ilusão do discurso dominante.

Macabéa: a flor de mulungu e a escuta de saberes forjados em torno do vazio

Se o desafio de uma amarração entre clínica, formação e pesquisa que não exclua o real estrangeiro da experiência em cada território precisa ser retomado na trajetória de cada psicanalista e na construção de coletivos e instituições de trabalho, propomos que esse desafio se conecte com a proposta política sustentada por Conceição Evaristo com as escrevivências. Essa proposta é explicitada quando a autora fala do caráter vivo e encarnado de sua escrita e também de seu aspecto militante, que é muitas vezes utilizado para reduzir o seu valor estético e literário. A própria Conceição Evaristo (2018) denuncia esse movimento no preconceito contra a literatura negra: “Antes de lerem nossos textos, já fazem um pré-julgamento, ou dizem que a autoria negra é uma autoria de militância” (s./p.), reclama a autora. Isso também acontece com a nossa construção teórica em torno do racismo e da negritude. A noção de militância é evocada diversas vezes como antinômica à clínica psicanalítica, como se a luta pela emancipação precisasse ser isolada da escuta clínica, ou como se o percurso clínico não guardasse nem uma relação com as lutas concretas do cotidiano da vida. Evaristo pede para que não leiam apenas a sua biografia, mas leiam seus textos. Sem negar a militância, o que eles têm demonstrar é que há dimensões subjetivas na luta política que precisam ser ressaltadas e que a depuração de tudo o que é pessoal, de tudo o que é comunitário, de tudo o que é ancestral do campo do saber é uma operação colonial de esvaziamento que ofusca o nosso olhar e tapa os nossos ouvidos. Por isso sustentamos que, mais que um valor estético literário ou um valor político vinculado apenas às dimensões sociais da emancipação, o diálogo da escrevivência com a Psicanálise comporta um efeito clínico de abertura da escuta, um efeito didático de transmissão de experiências contracoloniais e um efeito epistêmico na própria constituição do nosso saber, que, em vez de cosmófobico, pode tornar-se mais plural.

Podemos destacar esse movimento explícito de desvelamento das dimensões inconscientes da negritude que se transmite à revelia do poder colonial em diversas obras

de Conceição Evaristo. Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* (Evaristo, 2020c), por exemplo, temos um exercício que se dá no entorno das vidas de mulheres negras, pobres, periféricas destacando a escuta de uma pluralidade de territórios e trajetórias de mulheres que raramente são tomadas como objeto de uma construção literária. Em *Canção para ninar menino grande* (Evaristo, 2022), o exercício se desdobra em torno da sexualidade de um homem negro visto pelo olhar de diversas mulheres. O próprio ato de elevar uma trajetória negra à dignidade de uma experiência literária já constitui um ato de deslocamento em relação aos lugares que os homens negros geralmente ocupam na literatura. Tomá-lo a partir do olhar de mulheres com as quais se encontra e se desencontra promove mais uma torção que interseccionaliza a experiência, transmitindo a complexidade em que uma masculinidade negra pode se exercer, entre a alienação a ideais fálicos de dominação e o confronto com a castração, entrevisto nas repetições, nos fracassos e nas impossibilidades: “Sua virilidade murcha, satisfeita, lassa, e o vazio lá dentro. Um vazio tão lá dentro a lhe pedir para tentar sempre e mais mulheres. Sempre e mais gozo” (p. 22) – avalia clinicamente a verve psicanalista da escritora.

Gostaríamos de dar um destaque especial a outro livro, intitulado *Macabéa, flor de mulungu* (Evaristo, 2023), que faz um diálogo com *A hora da estrela*, de Clarice Lispector (1998). Quando Evaristo anunciou esse livro, isso nos despertou certa expectativa ansiosa. Não seria muito ousado propor uma releitura de Macabéa? Não haveria aí certo risco de profanação da obra de uma autora tão consagrada? Temos uma admiração muito grande por Clarice Lispector, talvez uma das mais lacanianas dentre as autoras brasileiras. Sua insistência na não compreensão, numa poética que flerta com o vazio, com o sem sentido, com certa crítica a um heroísmo literário⁵ parece dialogar muito com a política da falta a ser. *A hora da estrela* comporta uma experiência de leitura tão forte, tão impactante, que talvez seja uma das histórias nas quais Clarice Lispector mais se conecta com uma experiência de mulher negra nordestina. Experiência que vai muito na linha da proposta escrevidente de Conceição Evaristo, que é de transmitir, numa história singular, certa dimensão comum que toca a vida de muitas mulheres: “Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa” (Lispector, 1998, p. 14), diz o narrador, cujo ponto de enunciação é de um homem. De um homem que se vê como alguém que não faria falta e que se conecta com a experiência feminina. É possível que nosso temor com a ousadia de Evaristo tenha relação com certa tendência colonial internalizada de heroísmo literário, de competitividade capitalista e fálica. Devíamos ter imaginado que a orientação do texto de Evaristo caminharia em outro sentido, no sentido que mais a aproxima de Clarice Lispector ou que recolhe na autora essa flor milagrosa. Aliás, a própria Clarice Lispector (1999) chega a expressar numa crônica sobre literatura e justiça seu embaraço ou seu não saber se aproximar da “coisa social” de um modo literário. Para ela, a escrita é também um método de descoberta: “para mim escrever é procurar. O sentimento de justiça nunca foi procura em mim, nunca chegou a ser descoberta” (p. 29). Ela não se recrimina por isso, mas parece que é justamente nesse ponto em que, para Clarice, a escrita não serve para apreender a coisa social

⁵ “mesmo compreender já é heroísmo. Então um homem não pode simplesmente abrir uma porta e olhar?” (Lispector, 1999, p. 25), indaga a autora em uma crônica de três linhas.

que Evaristo ousa se enveredar propondo a noção de escrevivência e propondo, talvez, que, com *A hora da estrela*, Clarice tenha de alguma forma contornado essa impotência da escrita. José Castello, jornalista que assina a orelha da edição da Rocco, apresenta essa hipótese de que esse livro representa um salto surpreendente dado por Clarice pouco antes de morrer. Ela teria se afastado da “inflexão intimista que caracteriza a sua escrita para desafiar a realidade”.

Não nos interessa tanto situar a história na obra de Clarice Lispector, do ponto de vista literário, ou compará-la com Evaristo. O ponto é mais tentar cernir o modo como Evaristo lê *A hora da estrela* e que trabalho de escritura propõe em torno de Macabéa. Parece-nos que foi justamente por ter encontrado em Macabéa uma escrevivência, algo que confluí com a experiência viva de sua própria narrativa, que a história pôde ressoar em suas próprias vivências e despertar uma memória viva⁶: “Desde quando vi e não só olhei de relance a moça Macabéa, caída e semimorta no chão, imaginei que a flor de mulungu seria para ela, ou melhor, seria ela” (Evaristo, 2023, p. 7). É assim que Conceição Evaristo abre o livro e, na primeira frase, já chama a atenção para o que me parece crucial para uma sensibilidade clínica, que é esse desdobramento temporal entre olhar de relance e ver alguma coisa. Entre o instante de ver e o momento de concluir, Lacan situa um tempo para compreender. Olhar de relance talvez seja aquele olhar que passa em branco, nem chega a ver. Mollica e Guerra (2025) propõem que, embora o leitor não seja indispensável para o ato político da escrita, esta tem impacto político relevante quando implica o Outro e “provoca uma transformação da posição subjetivo-política do leitor” (p. 50), convocando-o a ver aqueles elementos encobertos pela branquitude. Evaristo (2023) completa que “Foi preciso tempo. Um tempo profundo, mas de resumidas horas” (p. 7), para que ela pudesse chegar ao momento de concluir. Momento em que esse breve estado de floração vislumbrado na história de Macabéa pudesse ser transformado na flor de mulungu como um dispositivo que desvela a vida para além da morte, que desvela a vida despertada no vazio do desamparo – a hora da estrela⁷. Vale a pena ler um trecho maior:

De Macabéa todas as pessoas fantasiavam somente a brabeza do desamparo. Para muitas, a moça padecia de solidão crônica. E ficavam a imaginar a solitária vida de Macabéa. Umas achavam lágrimas em seu rosto. Viam punhados de águas secas... E tantas eram as verdades inventadas acerca de Macabéa, que se a pobre sofrete tomasse conhecimento de tudo que era criado a respeito dela, na certa não suportaria tudo em si. Explodiria de tanto ser aquilo que ela nem sabia se era. Havia ainda pessoas que acreditavam que a moça trazia em si um corpo feito de uma interioridade nula e incurável. Vazio próprio de um mal antecedente original... (Evaristo, 2023, p. 8)

Podemos extrair uma advertência para nossa leitura clínica das experiências negras, nordestinas, migrantes, experiências marginalizadas que costumam passar despercebidas

⁶ Evaristo (2023) revela: “Eu não preciso de nenhum ardil para garantir que Macabéa, a Flor de Mulungu, sou eu. Tal é minha parecença-mulher com ela. Repito, sou eu e são todos os meus” (p. 11).

⁷ Talvez a sequência de títulos extras apresentados para o livro demarque a diversidade de posições subjetivas diante desse desamparo em que a outra, a nordestina, é confinada: “A culpa é minha”, ou “Ela que se arranje”, ou “Ela não sabe gritar”, ou “Eu não posso fazer nada”, ou “Uma sensação de perda”, ou “Assovio no vento escuro”, ou “Saída discreta pela porta dos fundos”, ou “O direito ao grito”... até que “A hora da estrela” (Lispector, 1998) possa ser escolhido como o ponto em que algo cessa de não se escrever.

no cotidiano e não nos atingem senão quando suas histórias se deslocam da rotina de apagamento e viram notícias, são iluminadas pelo confronto com a necropolítica. A Profa. Luziane Siqueira, parceira de pesquisa, destaca de Foucault a noção de Infâmias resistências, que nomeia seu grupo de pesquisa, em alusão à “produção das subjetividades infames, que colocam certas vidas como indignas, sem registros, sem feitos, sem nenhuma nota, a não ser quando confrontam o poder” (Siqueira & Bispo, 2025, p. 13). É essa passagem de uma invisibilidade para a visibilidade do puro vazio, do puro dejeto que é objeto de debate crítico no trabalho de Gonzalez (2020). Mesmo quando o discurso sociológico busca pensar os efeitos da escravização sobre a população negra, “ele pouco teria a dizer sobre essa mulher negra, seu homem, seus irmãos e seus filhos, de que vínhamos falando. Exatamente porque ele lhes nega o estatuto de sujeito. Trata-os sempre como objeto. Até mesmo como objeto de saber” (p. 84). Ela parte justamente desse resto que escapa ao discurso sociológico para abordá-lo a partir da Psicanálise, tematizando como o desejo pode subverter mesmo as relações mais violentas de dominação. Mas a teoria psicanalítica em si mesma não é capaz de levantar sozinha o véu do encobrimento e mesmo sua experiência clínica pode, nos termos de Lacan (1955/1998), instaurar os próprios efeitos “que a capturam para afastá-la do sujeito” (p. 437). Algumas noções como a de precariedade simbólica são muitas vezes automaticamente associadas à precariedade material, à pobreza e às experiências negras como naturalização de lugares sociais ou de supostas determinações sociais – famílias desestruturadas, ausência paterna, falta de estimulação precoce, exclusão escolar são alguns dos fatores psicológicos e sociais que produzem um saber que excluem o sujeito por antecipação, produzindo uma imagem de desamparo que pode provocar todos esses imaginários que Evaristo destaca em torno de Macabéa⁸. Por isso, dizemos que sua escrita incide mais contra essa colonização do imaginário despertado a partir do confronto com o real da experiência apresentado em *A hora da estrela* do que contra a produção e constituição da personagem de Macabéa. A obra tem o condão de alcançar esse elemento de convocar o olhar, mas esse real que desperta pode vir rapidamente a ser recoberto pelo saber genérico, em detrimento da escuta do sujeito.

Em Ponciá Vicêncio, Evaristo (2019) constrói uma personagem que tem muitos pontos de conexão com Macabéa, sobretudo no que diz respeito a certos momentos de alheamento e de um vazio no olhar e nas palavras. Penha (2025), psicanalista do coletivo Ocupação no Espírito Santo, propôs uma leitura minuciosa dos detalhes clínicos destacados por Conceição Evaristo na personagem, marcando as dimensões inconscientes de transmissão do sofrimento psíquico, por um lado, e dos saberes e das artes com as quais a personagem molda essas heranças ancestrais: “Ponciá, artista nata, era hábil na arte de lidar com o barro, foi capaz de moldar o Vô Vicêncio em seus mínimos detalhes de identidade, mesmo que mal o tenha conhecido” (p. 42). Penha conduziu um seminário durante o qual fomos convidados a relacionar o modo como Evaristo vai costurando as miudezas das experiências de Ponciá Vicêncio com as formulações de Souza (2023) em torno da psicose. Ela nos adverte para o fato de que nossas

⁸ Lispector (1998) introduz um artifício poético que anuncia esse risco de inflação imaginária: “Se em vez de ponto fosse seguido por reticências o título ficaria aberto a possíveis imaginações vossas, porventura até malsãs e sem piedade” (p. 13).

descrições clínicas costumam enfatizar, na psicose, o momento do desencadeamento, da ruptura e do desenlace. Para além ou para aquém dessa dimensão, “existe uma outra dimensão da experiência psicótica, quase imperceptível em sua diferença, discreta e quase silenciosa, capaz de conviver, sem desafinar, com as regras do senso comum” (p. 115). É a atenção cuidadosa ao modo como cada paciente constrói suas saídas das experiências de ruptura e recompõe os cacos da relação com o laço social que lhe permitem, como psicanalista, observar outros modos de estabelecimento da transferência e de respostas possíveis do analista, que empresta sua presença para que o dispositivo opere, com a aposta de que o sujeito pode prescindir depois desse suporte: “É aceitar que o paciente possa se desembaraçar de nossa presença” (p. 159).

Essa aposta nesse saber que não se sabe, nessa dimensão que se transmite à revelia da dominação, marca a passagem de um olhar absorvido pela figura do desamparo para um trabalho paciente e minucioso em torno do simbólico na composição e no resgate das possibilidades subjetivas e materiais de produção de uma experiência de emancipação. A noção de desamparo, evocada por Evaristo, é significativa para a Psicanálise, mas é preciso encontrar sempre uma forma de torná-la operativa. A ideia de que o desamparo é estrutural e parte da relação do sujeito com a linguagem pode esconder a importância clínica e teórica de circunscrever a destruição ativa dos suportes simbólicos que buscamos na cultura para lidar com o mal-estar. Por isso, a noção de desamparo discursivo (Rosa, 2022) é pertinente para situar esse elemento do discurso que produz e perpetua relações de dominação. Evaristo não vai “corrigir” a personagem ou qualquer aspecto criativo de Lispector. Ela apenas toma aquela mulher calada, vazia, macambúzia e faz um exercício de imaginação que mostra que, para além da experiência de desamparo, é preciso escutar outras experiências do sujeito. Mesmo sendo também levada a imaginar muitas dores na trajetória da personagem, num segundo tempo, ela imagina uma Macabéa que era parteira e cerzideira e cuja sabedoria, na cidadezinha em que ela morava, era impregnada de vida: “na capital, lugar de sua nova morada. Dos ofícios aprendidos em sua terra natal, corria o risco de perder a habilidade, já que não desempenhava mais nenhum deles” (Evaristo, 2023, p. 27). Enfim, Macabéa evoca esse desamparo discursivo justamente porque, assim como Ponciá, migra para uma cidade cosmófobia que descarta outras formas de saber e existência. “Limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. Ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia” (Lispector, 1998, p. 15), comenta o narrador. Por isso, a saúde mental preconizada por nossas cidades tem tanta dificuldade de acolher as soluções singulares da psicose e do autismo, mas também dos migrantes nordestinos, de pessoas negras, indígenas e quilombolas que enfrentam uma pressão cotidiana pela normalização ou pela adequação colonialista. As experiências negras só são acolhidas em determinados lugares sociais que os mantêm subservientes a uma lógica de exploração, lembra Gonzalez (2020).

Costuras finais

“Mulheres como Macabéa não morrem. Costumam ser porta-vozes de outras mulheres, iguais a elas, mesmo travestidas em Glórias, e também costumam ser intérpretes das dores

de homens, cabras-machos, vítimas-algozes, como Olímpico de Jesus” (Evaristo, 2023, p. 32). É nessa arte fina de costurar com a escrita a experiência singular de um sujeito, com outras experiências comuns conectadas a múltiplos territórios de existência, que situamos a contribuição da escrevivência para a Psicanálise. Não se trata apenas da aplicação vazia de um método, ou da reprodução de um saber, mas da costura entre a clínica, a formação e a pesquisa. É uma via possível de abordar a “coisa social”, sem perder o fio da “coisa freudiana”, que não tem chance de ser acolhida senão por uma abertura epistêmica. Essa abertura não é propriamente uma novidade para a Psicanálise, mas o apontamento de que as experiências de negritude dos múltiplos territórios brasileiros precisam produzir efeitos na formação do analista e no próprio campo da Psicanálise é o ponto de subversão trazido pelas escrevivências. “Qualquer retorno a Freud que dê ensejo a um ensino digno desse nome só se produzirá pela via mediante a qual a verdade mais oculta manifesta-se nas revoluções da cultura” (Lacan, 1957/1998, p. 460), sentencia Lacan. Podemos retomar a sentença também para pensar a renovação da subversão lacaniana, que precisa contemplar as experiências mais invisibilizadas e permitir que elas revolucionem a própria experiência clínica.

Referências

- Andrade, C. (2016). *Lacan chinês: poesia, ideograma e caligrafia chinesa de uma Psicanálise* (2^a ed.). Maceió: Edufal.
- Bispo, F. S. (2023). Escrevivência como metodologia de pesquisa em Psicanálise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 26, e273037. Recuperado em 02/12/2025 em: <https://doi.org/10.1590/1809-4414-2023-016>.
- Evaristo, C. (2017a). *Becos da memória* (3^a ed.). Rio de Janeiro: Pallas.
- Evaristo, C. (2017b). *Histórias de leves enganos e parecenças* (5^a ed.). Rio de Janeiro: Malê.
- Evaristo, C. (2018, 20 de novembro). Conceição Evaristo: “Não leiam só minha biografia. Leiam meus textos”. *Brasil de Fato*. Recuperado em 02/12/2025: <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/conceicao-evaristo-nao-leiam-so-minha-biografia-leiam-meus-textos/>.
- Evaristo, C. (2019). *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Evaristo, C. (2020a). A escrevivência e seus subtextos. In Duarte, C. L. & Nunes, I. R. (Orgs.), *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (pp. 26-46). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.
- Evaristo, C. (2020b). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In Duarte, C. L. & Nunes, I. R. (Orgs.), *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (pp. 48-57). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.
- Evaristo, C. (2020c). *Insubmissas lágrimas de mulheres* (4^a ed.). Rio de Janeiro: Malê.
- Evaristo, C. (2022). *Canção para ninar menino grande*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Evaristo, C. (2023). *Macabéa: flor de mulungu*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel.
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu. (Obra original publicada em 1952).

Bispo, F. S. e Santos, T. C. P.

- Freud, S. (1996a). *Estudos sobre a histeria – 1893-1895*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1893-1895).
- Freud, S. (1996b). Fragmento da análise de um caso de histeria. In Freud, S., *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. (Vol. 7, pp. 13-115, J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (1996c). Dois verbetes de enciclopédia – A teoria da libido (1922-1923). In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18, pp. 249-274). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1922-1923).
- Freud, S. (1996d). Construções em análise (1922-1923). In Freud, S., *Moisés e o monoteísmo, esboço de Psicanálise e outros trabalhos*. (Vol. 23, pp. 273-287). Rio de Janeiro: Imago.
- Gonzalez, L. (2020). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In Rios, F. & Lima, M. (Orgs.), *Por um feminismo afro-latino-americano*. (pp. 75-93). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1972-1973).
- Lacan, J. (1998). A Psicanálise e seu ensino. In Lacan, J., *Escritos*. (pp. 438-460). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1957).
- Lacan, J. (1998). A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em Psicanálise. In Lacan, J. *Escritos*. (pp. 402-437). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1955).
- Lacan, J. (2003). Aviso ao Leitor Japonês. In Lacan, J., *Outros Escritos*. (pp. 498-500). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1972).
- Lacan, J. (2003b). Lituraterra In Lacan, J., *Outros escritos*. (pp. 15-25). Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1971).
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In Lacan, J., *Outros escritos*. (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1967).
- Lacan, J. (2003). Alocução sobre o ensino. In Lacan, J. *Outros escritos*. (pp. 302-310). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1970).
- Lacan, J. (2011). *Estou falando com as paredes*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1971).
- Lacan, J. (2012). *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1971-1972).
- Lispector, C. (1998). *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco. (Obra original publicada em 1977).
- Lispector, C. (1999). *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Miller, J.-A. (2009). *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan. O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Mateus, L. G., Siqueira, L. A. R. & Bispo, F. S. (Orgs.). (2025). *Escrevivências: diálogos com a Psicologia e a Psicanálise*. São Paulo: Dandara.
- Mollica, M. & Guerra, A. M. C. (2025). Para acordar a branquitude de seus sonos (sonhos) injustos: as escrevivências sob a perspectiva (do gozo) do leitor. In Mateus, L. G., Siqueira, L. A. R. & Bispo, F. S. (Orgs.), *Escrevivências: diálogos com a Psicologia e a Psicanálise*. (pp. 50-69). São Paulo: Dandara.

Bispo, F. S. e Santos, T. C. P.

Penha, S. R. (2025). Escrevivências em Psicanálise: uma leitura clínica de Ponciá Vicêncio. In Mateus, L. G., Siqueira, L. A. R. & Bispo, F. S. (Orgs.), *Escrevivências: diálogos com a Psicologia e a Psicanálise*. (pp. 37-49). São Paulo: Dandara.

Rosa, M. (2011). *Fernando Pessoa e Jacques Lacan: constelações, letra e livro*. Belo Horizonte: Scriptum Livros.

Rosa, M. D. (2022). Sofrimento sociopolítico, silenciamento e a clínica psicanalítica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42, e242179. Recuperado em 02/12/2025 em: <https://www.scielo.br/j/jpcp/a/6RKgPXpGHZ8YwHd9PHGtnf/#>.

Santos, A. B. (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, PISEAGRAMA.

Santos, T. C. P. (2022). *A escrevivência como Litaraterra*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Santos, T. C. P. (2025). A escrevivência da litaraterra. In Mateus, L. G., Siqueira, L. A. R. & Bispo, F. S. (Orgs.), *Escrevivências: diálogos com a Psicologia e a Psicanálise*. (pp. 225-241). São Paulo: Dandara.

Said, E. W. (2007). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (R. Eichenberg, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Siqueira, L. A. R. & Bispo, F. (2025). Escrevivências na pesquisa acadêmica: questões e caminhos. In Mateus, L. G., Siqueira, L. A. R. & Bispo, F. S. (Orgs.), *Escrevivências: diálogos com a Psicologia e a Psicanálise*. (pp. 11-26). São Paulo: Dandara.

Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal. (Obra original publicada em 1983).

Souza, N. S. (2023). *A psicose: um estudo lacaniano*. Rio de Janeiro: Zahar.

Vieira, M. A. (2003). O Japão de Lacan. *Latusa (Rio de Janeiro)*, 8, 35-39.

Zizek, S. (s.d.). O desejo, ou a traição da felicidade. Entrevista com Slavoj Zizek. Recuperado em 02/12/2025 em: <https://zizek.weebly.com/texto-011.html>.

Escrevência and Psychoanalysis: research, clinic and formation

Abstract

This article discusses the intersection between escrevência [live-writing] as a methodology that can be articulated with Psychoanalysis and three different levels or dimensions of transmission in psychoanalytic clinic: a clinical dimension, linked to the very experience of analysis; a didactic dimension, which connects the politics of writing with the transmission and teaching of Psychoanalysis; and an epistemic dimension, which involves the construction of a field of knowledge that does not exclude the subject, their body, life, and history. We propose that, in all three dimensions, there is a temptation to reduce the real to knowledge, and that escrevência offers an opposing path, shifting this reduction or concealment. We revisit some references on the function of the matheme and the letter, as Lacan presents in *lituraterra*, to reflect on the affinity between escrevências and the transmission of Psychoanalysis. We use the reference of Conceição Evaristo's rereading of Macabéa to delimit the political and clinical importance that this writing practice implies for listening to blackness, the feminine, and peripheral, subalternized and/or dissident knowledge.

Keywords: Escrevência, Psychoanalysis, Research, Clinic, Formation.

Escribivencia y Psicoanálisis: investigación, clínica y formación

Resumen

Este artículo discute la intersección entre la escribivencia como metodología articulable con el Psicoanálisis y tres diferentes niveles o dimensiones de transmisión en la clínica psicoanalítica: una dimensión clínica, vinculada a la propia vivencia o experiencia del análisis; una dimensión didáctica, que articula la política de la escritura con la transmisión y la enseñanza del Psicoanálisis; y una dimensión epistémica, que implica la construcción de un campo de saber que no descarte al sujeto, su cuerpo, su vida y su historia. Proponemos que, en las tres dimensiones, existe la tentación de reducir lo real al saber y que la escribivencia se propone como una vía opuesta, que desplaza esa reducción o encubrimiento. Retomamos algunas referencias sobre la función del matema y de la letra, tal como Lacan expone en *lituraterra*, para pensar la afinidad entre las escribivencias y la transmisión del Psicoanálisis. Utilizamos la referencia de la relectura que Conceição Evaristo hace de Macabéa para delimitar la importancia política y clínica que esta práctica de escritura implica para la escucha de la negritud, lo femenino y los saberes periféricos, subalternizados y/o disidentes.

Palabras clave: Escribivencia, Psicoanálisis, Investigación, Clínica, Formación.

Escrevivência et Psychanalyse: recherche, clinique et formation

Résumé

Cet article discute de l'intersection entre l'escrevivência comme méthodologie articulable à la Psychanalyse et trois différents niveaux ou dimensions de transmission dans la clinique psychanalytique: une dimension clinique, liée à la propre expérience de l'analyse; une dimension didactique, qui articule la politique de l'écriture avec la transmission et l'enseignement de la Psychanalyse ; et une dimension épistémique, qui implique la construction d'un champ de savoir qui ne rejette pas le sujet, son corps, sa vie et son histoire. Nous proposons que, dans les trois dimensions, il existe la tentation de réduire le réel au savoir et que l'escrevivência se propose comme une voie opposée, qui déplace cette réduction ou ce recouvrement. Nous reprenons quelques références sur la fonction du mathème et de la lettre, telles que Lacan les expose dans *litaraterra*, pour réfléchir à l'affinité entre les escrevivências et la transmission de la Psychanalyse. Nous utilisons la référence de la relecture que Conceição Evaristo fait de Macabéa pour délimiter l'importance politique et clinique que cette pratique de l'écriture implique pour l'écoute de la négritude, du féminin et des savoirs périphériques, subalternisés et/ou dissidents.

Mots-clés: Escrevivência, Psychanalyse, Recherche, Clinique, Formation.

Recebido em: 19/10/2025

Revisado em: 20/10/2025

Aceito em: 22/10/2025